

Prospectiva (Frutal-MG).

A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica.

Patrícia Palmerino Terra Ferreira.

Cita: Patrícia Palmerino Terra Ferreira (2016). *A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable:

<https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/24>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.

Para ver una copia de esta licencia, visite

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <http://www.aacademica.org>.

Patrícia Palmerino Terra Ferreira



A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica

COLEÇÃO
Produzir Cidadania

EDITORA
PROSPECTIVA

Patrícia Palmerino Terra Ferreira

**A Inclusão da Estrutura TEACCH na
Educação Básica**

**Frutal-MG
Editora Prospectiva
2016**

Copyright 2016 by Patrícia Palmerino Terra Ferreira

Capa: Jéssica Caetano

Foto de capa: A autora

Revisão: A autora

Edição: Editora Prospectiva

Editor: Otávio Luiz Machado

Assistente de edição: Jéssica Caetano

Conselho Editorial: Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Flávio Ribeiro da Costa, Leandro de Souza Pinheiro, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

Contato da editora: editorapropectiva@gmail.com

Página: <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

Telefone: (34) 99777-3102

Correspondência: Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

Terra Ferreira, Patrícia Palmerino.

A inclusão da estrutura TEACCH na educação básica. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-017-6

1. Educação.
2. Transtorno do Espectro do Autismo.
3. Estrutura TEACCH.
4. Inclusão Escolar I. Terra Ferreira, Patrícia Palmerino. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

Dedico este trabalho a minha querida
mãe Nanci e ao meu esposo Reiner,
que são hoje a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e tudo que eu conquistei até hoje.

A professora e orientadora Ana Maria Taveira Braga, pela sabedoria e ajuda que me proporcionou na elaboração deste trabalho.

Ao meu aluno Vinícius Freitas Borges que foi minha grande inspiração para a realização deste trabalho.

A minha mãe e meu esposo pelo carinho e amor.

“Somos todos geniais. Mas se você julgar um peixe por sua capacidade de subir em árvores, ele passará a vida inteira acreditando ser estúpido. A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Albert Einstein

LISTAS DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

ABA – Análise Aplicada do Comportamento

AMA – Associação dos Amigos do Autista

AVD - Atividades de Vida Diária

AVP – Atividades de Vida Prática

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

TEA – Transtorno do Espectro do Autismo

TEACCH – Tratamento e educação para crianças com transtornos do espectro do autismo ou distúrbios correlatos da comunicação.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
NOTA DO EDITOR.....	09
INTRODUÇÃO.....	10
1. O QUE É AUTISMO?.....	16
1.1 Diagnóstico do autismo.....	17
1.2 Manifestações mais comuns.....	19
1.3 Tratamentos para o autismo.....	24
2. ESTRUTURA TEACCH.....	31
2.1 TEACCH - Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children.....	31
2.2 Organização da área física.....	35

2.3 Programação diária e o uso das rotinas incorporadas em AGENDAS.....	37
2.4 Método de ensino.....	38
3. ESTRUTURA TEACCH NA SALA DE AULA DE ENSINO REGULAR.....	40
3.1 A inclusão do aluno autista na rede regular de ensino.....	40
3.2 O Ensino Estruturado.....	42
3.3 Adaptando atividades do currículo comum de Geografia a partir da Estrutura TEACCH.....	47
4. PESQUISA DE CAMPO	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64

NOTA DO EDITOR

O conteúdo aqui publicado em forma de livro digital é originário de um trabalho de conclusão de curso na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – unidade Frutal.

O Professor Ana Maria Taveira Braga contribuiu como orientador do presente trabalho, que foi defendido no curso de Geografia da instituição.

A versão impressa poderá ser consultada na Biblioteca da unidade de Frutal. Nossos parabéns ao autor pela sua postura em contribuir com a popularização da ciência e a divulgação científica ao gentilmente nos permitir publicar seu trabalho e torná-lo acessível para consulta gratuitamente na *internet*.

Professor Otávio Luiz Machado

INTRODUÇÃO

Uma pessoa com autismo deve ser estimulada a se desenvolver e, para isso, são necessárias ações motivadoras, de tal forma que ela sinta vontade de participar de atividades para que se estabeleçam vínculos com as pessoas ao seu redor.

Os maiores desafios na inclusão escolar da pessoa com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) é fazer com elas permaneçam na sala de aula e realize as atividades propostas pelo professor, portanto, percebe-se a necessidade do uso de recursos alternativos e metodologias específicas para atender as diferentes formas do pensamento autista e das suas dificuldades cognitivas.

Como pedagoga e Especialista em Educação Especial e Inclusiva me interessaram fazer cursos de complementação na área de autismo e comunicação alternativa o qual me ajudou a trabalhar com essas crianças tão especiais.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar aos profissionais da educação que é possível proporcionar aos alunos que apresentam Transtorno do Espectro do Autismo uma aprendizagem inclusiva que atenda suas reais necessidades dentro dos

princípios de funcionalidade, independência, comunicação e conteúdos acadêmicos, tendo como método de ensino a Estrutura TEACCH.

A proposta é demonstrar a importância dos profissionais da educação conhecerem sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e perceberem que estes aprendem de uma maneira peculiar tornando-se necessários procedimentos de ensino diferenciados devido à dificuldade na comunicação, interação social, estereotípias e interesses restritos, portanto, necessitam da organização do ambiente e das atividades de maneira que possam ser compreendidas pelo aluno. E através do uso da Estrutura TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) que procura fazer entender como a pessoa com autismo pensa, vive, aprende e responde ao ambiente, consegue-se promover uma aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade. A inclusão escolar na sala de aula de ensino regular surge como alternativa que pode fornecer contatos sociais e favorecer não só o desenvolvimento da criança autista, mas também o das outras crianças, na medida em que estas

aprendem com as diferenças e tornam-se adultos menos preconceituosos.

Os modelos de intervenção presente hoje no ensino do aluno com TEA possibilitam a criação de alternativas educativas com adaptação curricular funcional que proporcione a autonomia e o aprendizado destes. Por meio de programas de mudanças na conduta do indivíduo com TEA é provável que se observe melhoras nas manifestações clínicas presentes no TEA e favoreça a aprendizagem propriamente dita.

Em busca de alcançar esse objetivo, procurou-se realizar, no primeiro capítulo, uma abordagem sobre o que é o autismo, suas manifestações e tratamentos para que se conheça mais sobre este transtorno, trazendo informações que derrubem alguns mitos que geram preconceito e intolerância. Apontando que o diagnóstico precoce e um tratamento efetivo, cientificamente embasado, podem mudar a vida dessas pessoas.

No segundo capítulo, a discussão foi direcionada à um modelo de intervenção chamado de Estrutura TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) que começou a ser elaborado na década de

1960, na cidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos, pelo Dr. Eric Shopler e seus colaboradores. Esse modelo é um programa de tratamento e educação para as pessoas com autismo, de todas as idades e também para pessoas com problemas relacionados à comunicação.

No terceiro capítulo, explicitou-se a Estrutura TEAACH na sala de aula de ensino regular e como ocorre à inclusão do aluno autista na rede regular de ensino através do Ensino Estruturado e também, mostrou-se a aquisição das competências acadêmicas através da adaptação de atividades do currículo comum de Geografia a partir da Estrutura TEACCH.

O TEACCH é um modelo de intervenção que por meio de uma “estrutura externa”, organização de espaços, materiais e atividades, permitem que a criança autista crie mentalmente “estruturas internas” que devem ser transformadas pela própria criança em estratégias e, mais tarde, automatizadas de modo a funcionar fora da sala de aula em ambientes menos estruturados.

O TEACCH trabalha com os princípios da organização, rotina, tarefas estruturadas, material

visualmente mediado, ensino de relações de causa versus efeito, comunicação alternativa, espaço com suas funções, delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e controle do comportamento (FONSECA e CIOLA, 2014, p. 34).

No último capítulo, através do trabalho de campo, mostrou-se a implantação da Estrutura TEACCH na sala de aula de ensino regular em uma escola municipal da cidade de Frutal - MG e como a criança autista se desenvolveu de forma a conseguir futuramente o máximo de autonomia e comunicação, diminuição do nível de ansiedade através de rotinas, organizar o espaço escolar e adaptação das atividades escolares, ampliação da oralidade e da comunicação expressiva, aumento da tolerância na realização das atividades propostas, permanência dentro do tempo estipulado e necessário na sala de aula regular, participação nas atividades de socialização propostas.

Os procedimentos metodológicos adotados constituíram-se de revisão bibliográfica, análise documental, incluindo os norteadores legais que dão as diretrizes para a inclusão no Ensino Regular e o trabalho de campo na escola Municipal Coronel Alonso de Moraes com um aluno autista. Tais procedimentos tornaram possível a estruturação da pesquisa, cujo relatório finalmente se apresenta.

1 – O QUE É AUTISMO?

De acordo com Silva, Reveles e Gaiato (2012), autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano, como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.

O autismo incide igualmente em famílias de diferentes raças, credos ou classes sociais. A incidência do autismo varia de acordo com o critério utilizado por cada autor. As causas do autismo são desconhecidas, acredita-se que a origem do autismo esteja nas anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto.

1.1- Diagnóstico do autismo

A AMA¹ - Associação de amigos do autista indica que o diagnóstico de autismo seja feito por um profissional com formação em medicina e experiência clínica de vários anos.

O diagnóstico de autismo é feito basicamente através da avaliação do quadro clínico. Não existem testes laboratoriais específicos para a detecção do autismo. Por isso, diz-se que o autismo não apresenta um marcador biológico.

Normalmente, o médico solicita exames para investigar condições (possíveis doenças) que têm causas identificáveis e podem apresentar um quadro de autismo infantil, como a síndrome do X-frágil,

¹ A história da **AMA** iniciou-se em 1983 quando o DR. Raymond Rosenberg tinha alguns clientes que viviam um momento de angústia. Não havia qualquer pesquisa ou tratamento na cidade, no estado ou no país que pudesse ser utilizado para ajudar aquelas crianças. Foi então que esses pais decidiram se reunir para, juntos, construir um futuro que amparasse seus filhos, e proporcionasse a eles maior independência e produtividade. Fundaram a AMA - Associação de Amigos do Autista, a primeira associação de autismo no país. Disponível em: <http://ama.org.br/site/pt/historia.html>. Acesso em: 25 ago. 2015.

fenilcetonúria² ou esclerose tuberosa. É importante notar, contudo, que nenhuma das condições apresenta os sintomas de autismo infantil em todas as suas ocorrências. Portanto, embora às vezes surjam indícios bastante fortes de autismo por volta dos dezoito meses, raramente o diagnóstico é conclusivo antes dos vinte e quatro meses, e a idade média mais frequente é superior aos trinta meses (DORNELLES, 2002).

Para melhor instrumentalizar e uniformizar o diagnóstico, foram criadas escalas, critérios e questionários. O diagnóstico precoce é importante para poder iniciar a intervenção educacional especializada, o mais rapidamente possível.

A AMA alerta que há graus diferenciados de autismo e que há, em instituições especializadas (como a própria AMA), intervenções adequadas a cada tipo ou grau de comprometimento. E, ainda, a especialidade da AMA não é apenas a intervenção em crianças com diagnóstico de autismo, mas

² **Fenilcetonúria** é uma doença rara e congênita, na qual a pessoa nasce sem a capacidade de quebrar adequadamente moléculas de um aminoácido chamado fenilalanina. Uma pessoa com Fenilcetonúria nasce com a atividade prejudicada da enzima que processa fenilalanina em tirosina.

também a intervenção em crianças com atrasos no desenvolvimento relacionados ao autismo.

1.2 - Manifestações mais comuns

De acordo com Silva, Reveles e Gaiato (2012), o autismo pode manifestar-se desde os primeiros dias de vida, mas é comum, pais relatarem que a criança passou por um período de normalidade anteriormente à manifestação dos sintomas. É comum também estes pais relacionarem a algum evento familiar o desencadeamento do quadro de autismo do filho. Este evento pode ser uma doença ou cirurgia sofrida pela criança ou uma mudança ou chegada de um membro novo na família, a partir do qual a criança apresentaria regressão. Em muitos casos constatou-se que na verdade a regressão não existiu e que o fator desencadeante na realidade despertou a atenção dos pais para o desenvolvimento anormal da criança, mas a suspeita de regressão é uma suspeita importante e merece uma investigação mais profunda por parte do médico.

Normalmente, o que chama a atenção dos pais inicialmente é que a criança é excessivamente calma e sonolenta ou então que chora sem consolo durante

prolongados períodos de tempo. Uma queixa frequente dos pais é que o bebê não gosta do colo ou rejeita o aconchego. Mais tarde os pais notarão que o bebê não imita, não aponta no sentido de compartilhar sentimentos ou sensações e não aprende a se comunicar com gestos comumente observados na maioria dos bebês, como acenar as mãos para cumprimentar ou despedir-se. Geralmente, estas crianças não procuram o contato ocular ou o mantêm por um período de tempo muito curto (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

É comum o aparecimento de estereotípias, que podem ser movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação do olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como o de morder-se, morder as roupas ou puxar os cabelos. Problemas de alimentação são frequentes, podendo se manifestar pela recusa a se alimentar ou gosto restrito a poucos alimentos. Problemas de sono também são comuns. Considera-se que em 30% dos casos de autismo, ocorra epilepsia. O aparecimento da epilepsia é mais comum no começo da vida da criança ou na adolescência (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

As manifestações citadas são as mais comuns, mas não são condições necessárias ou suficientes

para o diagnóstico de autismo. A definição de autismo, adotada pela AMA, para efeito de intervenção, é que o autismo é um distúrbio do comportamento que consiste em uma tríade de dificuldades:

1. **Dificuldade de comunicação** - caracterizada pela dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal. Portanto, dentro da grande variação possível na severidade do autismo, poderemos encontrar uma criança sem linguagem verbal e com dificuldade na comunicação por qualquer outra via - isto inclui ausência de uso de gestos ou um uso muito precário dos mesmos; ausência de expressão facial ou expressão facial incompreensível para os outros e assim por diante - como podemos, igualmente, encontrar crianças que apresentam linguagem verbal, porém esta é repetitiva e não comunicativa. Muitas das crianças que apresentam linguagem verbal repetem simplesmente o que lhes foi dito. Este fenômeno é conhecido como **ecolalia imediata**. Outras crianças repetem frases ouvidas há horas, ou até mesmo dias antes; é a

chamada **ecolalia tardia**. É comum que crianças que têm autismo e são inteligentes repitam frases ouvidas anteriormente e de forma perfeitamente adequada ao contexto, embora, geralmente nestes casos, o tom de voz só é estranho.

2. Dificuldade de sociabilização - este é o ponto crucial no autismo, e o mais fácil de gerar falsas interpretações. Significa a dificuldade em relacionar-se com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e a dificuldade na discriminação entre diferentes pessoas. Muitas vezes a criança com autismo aparenta ser muito afetiva, por aproximar-se das pessoas abraçando-as e mexendo, por exemplo, em seu cabelo, ou mesmo beijando-as, quando na verdade ela adota indiscriminadamente esta postura, sem diferenciar pessoas, lugares ou momentos. Esta aproximação usualmente segue um padrão repetitivo e não contém nenhum tipo de troca ou compartilhamento. A dificuldade de sociabilização, que faz com que a pessoa com autismo tenha uma pobre consciência da outra pessoa, é responsável, em muitos casos, pela falta ou diminuição da capacidade de imitar, que é um dos pré-requisitos cruciais para o aprendizado, e também

pela dificuldade de se colocar no lugar do outro e de compreender os fatos a partir da perspectiva do outro.

3. Dificuldade no uso da imaginação - se caracteriza por rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. Isto pode ser exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. Esta dificuldade pode ser percebida por uma forma de brincar desprovida de criatividade e pela exploração peculiar de objetos e brinquedos. Uma criança que tem autismo pode passar horas a fio explorando a textura de um brinquedo. Em crianças que têm autismo e têm a inteligência mais desenvolvida, pode-se perceber a fixação em determinados assuntos, na maioria dos casos incomuns em crianças da mesma idade, como calendários ou animais pré-históricos, o que é confundido, algumas vezes, com nível de inteligência superior. As mudanças de rotina, como mudança de casa, dos móveis, ou até mesmo de percurso,

costumam perturbar bastante algumas destas crianças.

1.3 – Tratamentos para o autismo

As pessoas que apresentam autismo necessitam de um tratamento especializado, sendo necessário uma equipe multidisciplinar (psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, educadores) trabalhando de forma integrada, onde haja muito empenho e engajamento familiar.

O tratamento psicoterápico baseia-se no desenvolvimento de comportamentos funcionais e redução dos comportamentos inadequados, para isso, utilizam-se técnicas e métodos fundamentados em princípios comportamentais (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Estudos mostram que, quando usamos nosso cérebro com novos estímulos e exercícios, ele se “reprograma”, criando novos caminhos entre os neurônios. Quanto mais aprendemos, mais caminhos neurais são formados. Esse é o princípio do tratamento psicoterápico: estimular a criança com técnicas de modificação do comportamento para que o cérebro se reorganize para novos aprendizados,

novas memorizações e novas adaptações, tornando essas mudanças definitivas. Quanto menor a idade, mais maleável e suscetível está o cérebro em promover mudanças estruturais. Por isso, quanto antes o diagnóstico for feito, melhor para o tratamento, que é possível graças ao conceito de neuroplasticidade³ (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Muitas são as possibilidades de tratamento, que variam desde ensinar atividades básicas como ir ao banheiro para uma criança com autismo grave com retardo, até o treino de sutilezas sociais, como entender ironias, para pessoas que possuem somente alguns traços do espectro autista, que são a maioria. De qualquer maneira precisa-se ajudá-las a diminuir suas limitações e a resgatar o afeto e as emoções que foram impedindo de emergir.

Todas as dificuldades que a criança com autismo apresenta, desde respostas relativamente simples, como olhar nos olhos, até comportamentos complexos, como comunicação espontânea e

³ **Neuroplasticidade**, também conhecida como **plasticidade neuronal**, refere-se à capacidade do sistema nervoso de mudar, adaptar-se e moldar-se a nível estrutural e funcional ao longo do desenvolvimento neuronal e quando sujeito a novas experiências.

interação social, podem inicialmente ser separadas em pequenas etapas que são treinadas, exercitadas. As respostas apropriadas são seguidas por recompensas prazerosas, chamados reforçadores, que aumentam as chances desse comportamento adequado ser repetido. Um objetivo importante do tratamento é tornar o aprendizado divertido para a criança. Outro é ensinar a criança a diferenciar estímulos diversificados. Já os comportamentos inadequados, tais como birras, estereotipias, autoagressão e fugir de atividades, devem ser ignorados e direcionados para algo adequado (SILVA; REVELES e GAIATO, 2012).

A independência é um dos principais objetivos que pais e profissionais anseiam que as crianças com autismo alcancem. Muitas delas encontram dificuldades em realizar atividades básicas da vida diária (AVD e AVP), tal como ir ao banheiro, escovar os dentes, tomar banho ou comer sozinhas. As crianças com autismo podem não perceber que precisam ir ao banheiro e, assim, não demonstrar suas necessidades nesse setor. Elas podem apresentar também dificuldades de aprendizagem e, por isso, levam muito tempo para desenvolver qualquer habilidade e perceber os sinais do seu corpo.

Segundo Silva, Reveles e Gaiato (2012), a terapia mais indicadas para crianças com transtorno do desenvolvimento é a terapia comportamental. Uma das técnicas utilizadas nesta abordagem psicoterápica é a Análise Aplicada do Comportamento (ABA), método empregado em diversos países e embasado por pesquisas científicas que comprovam sua eficácia.

A metodologia consiste em modificar os comportamentos inadequados, substituindo-os por outros mais funcionais. O foco da mudança baseia-se, principalmente, nos comportamentos social, verbal e na extinção de birra. Uma variedade de procedimentos comportamentais é usada para fortalecer habilidades existentes e modelar aquelas ainda não desenvolvidas. (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012)

Isso envolve criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou seja, premiá-la e elogiá-la a cada comportamento realizado de forma adequada.

Lovaas (1927-2010) foi pioneiro a utilizar a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) em intervenções para crianças com TEA. Utilizou as

intervenções baseadas no ABA para reduzir comportamentos desafiadores graves e para estabelecer linguagem comunicativa. Além disso, Lovaas enfatizou a importância da intervenção precoce, incentivando sempre a participação ativa dos pais. Envolve o ensino da linguagem, o desenvolvimento cognitivo e social e competências de autoajuda em vários meios, dividindo estas competências em pequenas partes/tarefas que são ensinadas de forma estruturada e hierarquizada. É dada importância à recompensa ou reforço de comportamentos desejados/adequados, ignorando/minimizando e redirecionando/desencorajando comportamentos inadequados.

Skinner (década de 1930), por meio de experimentos com ratos, desenvolveu a Análise Experimental do Comportamento, que serviu de base para o behaviorismo radical, que considerava o comportamento como uma reação fisiológica a um estímulo externo.

Os autores Silva, Reveles e Gaiato (2012), apresentam algumas etapas que o profissional que incentiva o aprendizado da criança, durante a terapia

comportamental, deve seguir de acordo com as dificuldades de cada criança:

- Apoio físico: quando o profissional faz a atividade junto com a criança, segurando em sua mão, por exemplo.
- Apoio leve: um direcionamento para o que deve ser feito.
- Apoio verbal: Quando se diz o que é para fazer.
- Apoio gestual: o profissional aponta, mostrando o que deve ser realizado.
- E, por fim, a criança realiza a atividade de forma independente.

Esse processo deve ser feito gradual, respeitando o limite e o ritmo da criança, para que o aprendizado seja fixado.

Além do ABA, outros métodos utilizados são efetivos para o tratamento comportamental de crianças com autismo.

O PECS^R (Picture Exchange Communication System) é um método de comunicação alternativa através de troca de figuras, é uma ferramenta valiosa tanto na vida das pessoas com autismo que não desenvolvem a linguagem falada quanto na vida

daquelas que apresentam dificuldades ou limitações na fala.

O uso medicamento deve ser prescrito pelo médico, e é indicado quando existe alguma comorbidade neurológica e/ou psiquiátrica e quando os sintomas interferem no cotidiano. Mas vale ressaltar que até o momento não existe uma medicação específica para o tratamento de autismo. É importante o médico informar sobre o que se espera da medicação, qual o prazo esperado para que se perceba os efeitos, bem como os possíveis efeitos colaterais (AMORIM, 2012).

O Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handcapped Children (TEACCH) é uma das técnicas que pode ser associada à terapia e será estudada mais profundamente no próximo capítulo.

2 - ESTRUTURA TEACCH

2.1 - TEACCH - Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children

O método TEACCH foi desenvolvido na década de sessenta no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, por Eric Schopler e colaboradores, representando, na prática, a resposta do governo ao movimento crescente dos pais que reclamavam da falta de atendimento educacional para as crianças com autismo na Carolina do Norte e nos Estados Unidos.

Com o tempo, o TEACCH foi implantado em salas especiais em um número muito grande de escolas públicas nos Estados Unidos. Essa implantação se deu com tal empenho, tanto dos professores quanto do Centro TEACCH da Carolina do Norte, que permitiu que esse método fosse sendo aperfeiçoado por meio do intercâmbio permanente entre a teoria do Centro e a prática nas salas de aula.

O ponto de partida foi o estabelecimento de uma visão realista dessa criança, a princípio muito

inteligente, mas fechada em uma redoma de vidro, isto é, incomunicável por decisão dela própria. Em 1967, quando Alpern começou a testar as crianças a partir de expectativas mais baixas, constatou-se que na maioria dos casos que posteriormente foram identificados como pertencentes ao autismo estavam presentes dificuldades reais de aprendizagem e de comunicação que precisavam ser levadas em conta nas salas de aula.

Atualmente o programa TEACCH conta com 10 centros regionais sob a direção de Gary Mesibov e está sendo aplicados em outros países como a Inglaterra, Japão, Bélgica, França, Dinamarca e Suíça. Misibov (1997) cita que estes países adotam o programa TEACCH, mas não comenta como eles o desenvolvem. O autor também não faz referência sobre a aplicação do programa TEACCH no Brasil. Segundo Tulimoschi (2001), isto evidencia e escassez da literatura nacional e de estudos experimentais publicados sobre este programa em nosso país.

No Brasil o programa TEACCH foi implantado primeiramente no Centro TEACCH Novo Horizonte em Porto Alegre/RS, em 1991, e depois pelas AMAs (Associação de Amigos do

Autista) e mais recentemente por algumas APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcional).

O método TEACCH utiliza uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança e determinar seus pontos fortes e de maior interesse, e suas dificuldades, e, a partir desses pontos, montar um programa individualizado.

O TEACCH se baseia na adaptação do ambiente para facilitar a compreensão da criança em relação a seu local de trabalho e ao que se espera dela. Por meio da organização do ambiente e das tarefas de cada aluno, o TEACCH visa o desenvolvimento da independência do aluno de forma que ele precise do professor para o aprendizado de atividades novas, mas possibilitando-lhe ocupar grande parte de seu tempo de forma independente.

Partindo do ponto de vista de uma compreensão mais aprofundada da criança e das ferramentas de que o professor dispõe para lhe dar apoio, cada professor pode adaptar as ideias gerais que lhe serão oferecidas ao espaço de sala de aula e aos recursos disponíveis, e até mesmo às características de sua própria personalidade, desde

que, é claro, compreenda e respeite as características próprias de seus alunos (MELLO, 2000).

O Programa TEACCH procura entender como a pessoa com autismo pensa, vive, aprende e responde ao ambiente, a fim de promover aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade (FONSECA; CIOLA, 2014).

O TEACCH não é um “método” que se compra em um pacote fechado e que tem regras numeradas a serem obedecidas. O Programa TEACCH é, nesse caminho, um sistema de orientação de base visual com apoio na estrutura e na combinação de vários recursos para aprimorar a linguagem, aprendizagem de conceitos e mudança de comportamento.

A filosofia do programa TEACCH tem como objetivo principal ajudar a pessoa com autismo a se desenvolver da melhor maneira, de modo a atingir o máximo de autonomia na idade adulta. Aliás, independência é uma das principais preocupações do modelo TEACCH na ideia de que quanto menos a pessoa ficar monitorada por alguém, melhor para sua autonomia e qualidade de vida (FONSECA; CIOLA, 2014).

É desta forma que os princípios norteadores organizam-se na prática, dando ao ambiente a força que precisa ter para formar conceitos, informar, dar instruções e organizar a vida dessa pessoa desde a primeira infância.

2.2 - Organização da área física

A disposição física do ambiente de ensino é importante quando se planeja o currículo para alunos com TEA. Até a disposição dos móveis da sala pode ajudar ou atrapalhar o funcionamento independente do aluno, o reconhecimento e respeito pelas regras e limites.

Muitos alunos têm dificuldades de organização, não sabendo aonde ir e como chegar, perdendo-se no ambiente quando este não lhe oferece dicas e referências. A organização do meio ambiente, então, lhe dá pistas visuais que ajuda a entender, evita a distração, promove o foco e tenta garantir que cada área informe a sua função.

Alguns aspectos indesejáveis podem ser desprezados ou mesmos modificados, mas existem algumas situações que podem indicar mudanças na sala, principalmente na escola comum. Colocar uma

mesa pequena para um aluno grande ou vice-versa é uma situação. Outro ponto é deixar a criança sentada no fundo da sala, de onde pode visualizar todo o grupo e partir para a desorganização. Elementos visuais disponíveis podem favorecer a agitação (muitos quadros, papéis colados, móveis) e não posicionar a criança muito próxima à porta de entrada também pode ser fator de segurança (FONSECA; CIOLA, 2014).

Depois que foi definido o espaço e as condições da sala, o professor está pronto pra começar a estruturar as áreas de aprendizado e treinamento.

Definir áreas específicas para tarefas de aprendizado específicas, identificar com clareza os limites e fazer materiais facilmente acessíveis ajudam os alunos a saberem de forma independente onde devem estar e onde obter seus próprios materiais (FONSECA; CIOLA, 2014)

Desta forma, os professores não têm de estar constantemente repetindo instruções verbais ou lembrando as instruções repetidamente, causando menos confusão de informações.

As salas devem ter um espaço definido para que os alunos coloquem seus objetos pessoais. Podem ser escaninhos, armários, ganchos ou caixas especiais. A mesa do professor, ou seu espaço, deve estar separada na sala para que os alunos saibam onde recorrer quando precisar.

2.3 – Programação diária e o uso das rotinas incorporadas em AGENDAS

Programação é parte da organização das atividades que os alunos com TEA necessitam. Muitos têm problemas com memória sequencial e organização no/do tempo. Dificuldades de linguagem receptiva também podem tornar difícil aos alunos compreender o que eles deveriam estar fazendo.

As programações das atividades os ajudam a prever acontecimentos diários e semanais. Isto diminui a ansiedade sobre o não saber o que acontecerá em seguida. Além de prever qual atividade ocorrerá depois, a rotina programada auxilia os alunos a se conduzirem de forma independente entre as atividades (transições), dizendo onde deve ir em seguida.

Geralmente há dois tipos de programação utilizados simultaneamente nas salas. O primeiro tipo é a programação geral da classe e o segundo tipo são os esquemas individuais denominados “sistemas de trabalho”.

A programação individual por aluno (agenda) pode ser indicada visualmente de várias formas, a depender de como é o sistema comunicativo e o nível de compreensão. Uma agenda pode ser ilustrada com fotos, pode ser concreta com objeto, pode ser com pictogramas e escritas (FONSECA; CIOLA, 2014).

A programação da rotina com gravuras, fotos, pictogramas ou objetos pode ser disposta sequencialmente de cima para baixo, da esquerda para a direita ou apresentada item a item como códigos representativos (FONSECA; CIOLA, 2014).

2.4 - Método de ensino

O professor deve sistematizar e organizar os métodos de ensino com a finalidade de ensinar de forma eficaz.

Além de usar gestos, as instruções podem também ser dadas por meio de dicas visuais, tais como apresentar e posicionar materiais de forma

sistemática, em uma sequência, assim como utilizar desenhos e instruções escritas (FONSECA; CIOLA, 2014).

Organizar o trabalho de maneira uniforme da esquerda para a direita ou de cima para baixo, lhes fornece uma sistemática para completar as tarefas de forma mais independente, sem necessidade de tantas instruções verbais, principalmente, quando está aprendendo uma rotina.

Para usar dicas de forma eficaz, o professor deve ser sistemático na sua apresentação, ou seja, a dica deve ser clara consistente e direcionada ao aluno antes que ele responda incorretamente. É o que chamamos de “aprendizagem sem erro” (FONSECA; CIOLA, 2014).

O professor, portanto, pode oferecer ajuda total usando apoio de mão, até que possa ir diminuindo seu nível de orientação a ponto de o aluno fazer a tarefa sem ajuda, de forma independente. Sendo assim, a ajuda é gradativamente retirada, passando da ajuda física total, a independência.

3. ESTRUTURA TEACCH NA SALA DE AULA DE ENSINO REGULAR

3.1- A inclusão do aluno autista na rede regular de ensino

A vida escolar é especial e todos tem o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe e conviver com as diferenças.

No âmbito escolar, a criança autista não poderá fazer tudo o que fazia em casa; ela será solicitada a brincar em grupo e manter atividades com objetivos específicos, de acordo com a orientação dos professores.

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que têm maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Na cartilha dos Direitos das Pessoas com Autismo, elaborada pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo (2011), diz que as pessoas com autismo têm os mesmos direitos, previstos na Constituição Federal de 1988 e outras leis do país, que são garantidos a todas as pessoas.

Também tem todos os direitos previstos em leis específicas para pessoas com deficiência (Leis 7.853/89, 8.742/93, 8.899/94, 10.048/2000, 10.098/2000, entre outras), bem como em normas internacionais assinadas pelo Brasil, como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

[...] crianças e adolescentes com autismo tem direito à educação é obrigação do Estado garantir **atendimento educacional especializado** às pessoas com deficiência **preferencialmente na rede regular** de ensino, já que toda a criança e adolescente têm direito à educação para garantir seu pleno desenvolvimento como pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (ECA, art.54)

Inclusão é uma política que busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema

regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos (SILVA; REVELES; GAIATO, 2012).

Para Aranha (1993) não há dúvidas quanto à aprendizagem do aluno com TEA, o importante está em compreender como ocorre este processo, já que as manifestações clinicam estão diretamente relacionadas a este processo. Este deverá ocorrer por meio da previsibilidade, de forma concreta com associação em relação as suas sensações, direções visuais, rotinas diárias, comunicações definidas, práticas sem erros e situações de auxílio, repetições, propostas de atividades que tenha começo, meio e fim, uma educação clara, manejo para com os estímulos distratores, monitoração, ordem nas atividades e repouso, destaques e resistência, e principalmente de forma simplificada.

3.2 – O ensino Estruturado

Segundo Mesibov (2010), o diretor atual da divisão TEACCH na Carolina do Norte, diz que o autismo funciona como se fosse uma cultura diferente, já que afeta no indivíduo a forma como ele come, como se veste, ocupa seus momentos de lazer,

se comunica, etc. O papel do professor de pessoas com autismo equivale ao de um intérprete, fazendo a conexão entre duas culturas diferentes. Portanto, segundo Mesibov (2010), esse professor deve compreender seu aluno, localizar seus pontos fortes, identificar seus déficits e encontrar os meios facilitadores para ajudá-lo no processo de adaptação e aprendizado.

De acordo com as pesquisas realizadas pelo TEACCH e a experiência adquirida ao longo dos anos, o ensino estruturado é o meio facilitador mais eficiente para a cultura do autismo.

O método TEACCH não utiliza o ensino estruturado como uma técnica para organizar o ensino da criança, mas sim para encontrar a forma de estrutura e organização que melhor se adapte à criança e pela qual ela possa compreender melhor o seu ambiente e, assim, aprender de forma mais eficiente.

Fonseca e Ciola (2014), lista alguns itens que dizem a importância da estrutura do material para autistas como:

1. Ajuda na organização das dificuldades com memória sequencial e organização do tempo;

2. Orienta a criança a compreender o que o material espera dela;
3. Diminui o nível de ansiedade e, portanto, reduz a possibilidade do aparecimento de comportamentos inadaptados;
4. Define o tempo de dedicação a uma determinada tarefa;
5. Orienta o aluno a trabalhar sem muita interferência do adulto, aumentando a autonomia;
6. Ensina conceitos claros e definidos;
7. Diminui o bombardeio sensorial advindo das informações muito complexas;
8. Reduz a dificuldade na compreensão de tarefas com muitos elementos;
9. Ajuda a aumentar a motivação do aluno perante as atividades acadêmicas;
10. Introduz aspectos pedagógicos compatíveis com a seriação escolar eliminando temas difusos e propostas inadequadas;
11. Potencializa as facilidades visuais da pessoa com autismo aumentando o foco atencional;

12. Apresenta os materiais a partir de padrões fixos (em áreas determinadas e direções definidas);
13. Oferece consistência e beneficia o processamento cerebral responsável pelas habilidades visuais;
14. Planeja as atividades passo a passo organizando a estrutura da tarefa;
15. Organiza atividades utilizando recursos de baixo custo e fácil execução.

Cabe ao educador fazer o mundo ser compreensível, ajudar o aluno autista a organizar as informações; tornar o ilógico, lógico; transformar o “bombardeio sensorial” em algo tolerável. Estrutura é, nesta concepção a chave para o sucesso. (FONSECA; CIOLA, 2014 p. 79)

O Programa TEACCH é de baixo custo; as tarefas são confeccionadas com recursos do dia a dia a partir do que cada aluno necessita. De acordo com Fonseca e Ciola (2014), recomenda-se que nesta abordagem haja um envolvimento real de todos que estarão em contato com a criança, para planejar o que será feito com base em um currículo, para selecionar

os materiais e até mesmo para confeccionar as adaptações.

Os sistemas de trabalho utilizados pelo TEACCH são assim denominados, por envolverem um processo de construção de tarefas que inclui como selecionar os materiais, como localizar a atividade, como proceder ao que está sendo solicitada, a orientação guiada pelo educador, a execução visualmente mediada e o conceito de fim, dentre outras. (FONSECA; CIOLA, 2014).

Desta forma, podemos classificá-los em duas grandes categorias: Sistemas de Trabalhos Concretos e Sistemas de Trabalhos Simbólicos (imagens, códigos ou escritos), cada qual com suas características.

Para orientar o aluno nas atividades, o material visualmente organizado é dividido em área de armazenamento e área de execução. A área de armazenamento é a parte extrema esquerda (ou superior) do material onde se depositam os estímulos móveis que serão transferidos para a parte direita da tarefa ou lugar.

3.3 Adaptando atividades do currículo comum de Geografia a partir da Estrutura TEACCH

A seguir, estão listadas sugestões de atividades que foram estruturadas para alunos com autismo a partir do aproveitamento de materiais de uso comum como: jogos, livros, sucatas e objetos do dia a dia. A simples apresentação dos materiais, não oferece todas as informações necessárias para que a estrutura organize o pensamento da criança autista. Com a adaptação os itens passam a ditar as regras por si só, ajudando o aluno a executar a tarefa; os itens estão dispostos na estrutura TEACCH, evidenciam-se as áreas de armazenamento e de execução. Os conceitos são exigidos de forma clara, não se misturam instruções nem se sugere mais de uma habilidade cognitiva por vez.

Os educadores devem ter conhecimento das habilidades que são necessárias para cada faixa etária, de acordo com o currículo nacional para que possam programar as atividades. Não adianta confeccionar inúmeras atividades sem que estas tenham a função de ensinar algo em determinado momento da vida da criança. Por isso, as imagens que serão apresentadas são apenas sugestões de como

aproveitar o material e transformá-lo em sistemas de trabalho.

Como todo novo comportamento, é preciso ensinar, mostrar como se faz, indicar objetos, modelar, reforçar as repostas adequadas, sempre criar novas estratégias, atividades e situações que possam favorecer a generalização do conceito/habilidade, e variar com frequência a ordem dos estímulos da área de armazenamento (FONSECA; CIOLA, 2014, p: 45).

Caso contrário, a criança pode ficar sob controle apenas daquela atividade que foi feita e simplesmente memorizar a sequência, o que é insuficiente para dizermos que houve aprendizagem.

[...] o problema do deficiente não se resume à deficiência. Esta atinge de maneira avassaladora os deficientes das camadas populares, isto é, o problema deles é, antes de mais nada, de origem social. Ora, se estamos nos referindo à população da escola pública, estamos falando, basicamente, das crianças oriundas dos estratos populares, que, por esse motivo, são excluídas das escolas sem razão, porque nada apresentam como características peculiares que pudessem justificar o seu fracasso ou, ‘com razão’, porque deficientes: essa é a lógica perversa de uma

sociedade excludente e de uma escola seletiva (SILVEIRA BUENO, 1997, p.53).



Figura 1- Livro didático de Geografia



Figura 2- Atividade adaptada do livro didático

Nas figuras acima apresentamos algumas formas de adaptação do livro didático de Geografia Porta Aberta de Mirna Lima (2011), a partir da Estrutura TEACCH, usando o esquema de trabalho que utiliza os sistemas visuais, a indicação visualmente mediada, a previsibilidade, instruções visuais e sistemas que enfatizam o que o aluno tem que fazer transformando o conteúdo, de verbal para não verbal.

4. PESQUISA DE CAMPO

O trabalho de campo iniciou-se em fevereiro de 2015 na Escola Municipal Coronel Alonso de Moraes, com o participante autista.

O período do projeto é de fevereiro a dezembro de cada ano letivo, se na escola tiverem matriculados alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

Assim, o projeto teve início com a organização de uma sala de atendimento individual do participante com autismo, com base na Estrutura TEACCH para que este se sentisse confortável e pronto para a inclusão na sala de aula de ensino regular.

O participante do trabalho de campo, já participa do programa TEACCH na APAE de Frutal, portanto, o sistema de ensino não era novo para o sujeito.

Depois, a Estrutura TEACCH foi levada para a sala de aula, com adaptações de acordo com o espaço, priorizando alguns aspectos, como: a organização do espaço (mobiliário e distribuição das tarefas) e programação das atividades.



Figura 5 – Estrutura TEACCH na sala de aula de ensino regular

Todos os dias, a agenda do aluno é organizada de acordo com a rotina de cada dia da semana, com o uso de gravuras que dizem o que ele fará durante aquele dia. Elas são dispostas sequencialmente de cima para baixo ou da esquerda para a direita, procurando manter sempre a rotina, para não gerar desconforto para o aluno.



Figura 6 – Agenda Sala de aula de Ensino Regular



Figura 7- Agenda Sala de Atendimento Individual

O aluno permanece por um tempo aproximado de 2 horas na sala de aula de ensino regular, realizando junto aos demais alunos as atividades propostas pela professora, sendo estas adaptadas pelo profissional de apoio de acordo com os princípios da Estrutura TEACCH.



Figura 8 – Atividade adaptada do currículo comum

No recreio, participa com todos tanto na alimentação como nas brincadeiras para a ampliação da socialização e no término do recreio realiza sua higiene bucal.

Logo após, é encaminhado para a sala da Estrutura TEACCH, onde na mesa do professor são realizadas as atividades novas e as que ele ainda não

consegue fazer sozinho e, na mesa independente, as que ele já realiza sozinho, tendo pausas para o lazer como música e brinquedos.



Figura 9 – Mesa do professor (atividades novas)



Figura 10- Mesa independente (atividades que o participante consegue fazer sozinho)

Ele participa também uma vez por semana das aulas de Educação Física, com atividades que trabalham regras, equilíbrio, coordenação motora e agilidade. Como competições entre equipes, corridas, queimada e incluindo também o “volta a calma” com brincadeiras do tipo galinha do vizinho, batata quente, telefone sem fio e passa anel. Também são trabalhados, circuitos adaptados que possibilitam um melhor desenvolvimento das habilidades sociais, coordenação motora e concentração os quais são constituídos através de referências que indicam ao

aluno as atividades a serem realizadas em sequência como: saltar, abaixar, levantar, empilhar, quicar, lançar, chutar, equilibrar e alongar.



Figura 11- Galinha do vizinho



Figura 12 – Circuito Adaptado

Frequenta as aulas de Biblioteca que o ajuda a experimentar situações sociais e refazê-las através de contação de histórias, filmes e teatros.



Figura13- Contação de história



Figura 14 – Representação (Teatro)

Uma vez por semana, participa de atividades de forma complementar na sala de recursos multifuncionais.

No dia 2 de abril é o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, e durante essa semana, toda a escola vestiu-se de azul (tema da campanha) e foram realizadas palestras para os alunos e professores sobre o autismo e a inclusão escolar.



Figura 15- Mural e Palestra sobre o autismo

É importante destacar que os componentes curriculares e seus conteúdos foram mantidos. As mudanças estão na forma de apresentação da atividade (concreto), na visualização dos conceitos que são ensinados e na proposta de ensino voltada para a diversidade.

O projeto foi avaliado constantemente e qualitativamente, observando o desempenho do aluno autista dentro e fora do contexto escolar: aspectos cognitivos e de socialização, relação aluno e aluno, professor e aluno e envolvimento de todos os profissionais da escola e da família.

Para documentar a avaliação e o progresso do aluno, foram realizados vários vídeos do aluno, realizando suas atividades dentro da Estrutura TEACCH e depoimentos dos pais do aluno, professores e alunos da sala.

Depoimento (filmado e transcrito) da Mãe do participante.

“O Vinícius, meu filho, é autista, e quando foi para ele entrar na escola regular eu sofri muito, eu pensava que a inclusão social era só no papel e foi muito difícil a caminhada, mas está dando certo esse ano principalmente o Vinícius deslanchou, ele está no método TEACCH, está aprendendo bem e em casa a gente tenta seguir o método, ele melhorou muito, o Vinícius já mantém diálogo com as outras crianças, ele consegue, qualquer assunto que a gente falar com ele, consegue continuar o assunto, e, a escola, juntamente com as professoras em casa está fazendo meu filho evoluir ele está podendo crescer junto com

as outras crianças, né amor, mãe ama demais esse filho.”

Foi possível perceber depois da implantação do projeto, através de gráficos de resultados alcançados, uma melhora significativa do aluno com autismo, em relação à permanência na sala de aula. Em fevereiro, ele permanecia na sala de aula apenas 25% do tempo estipulado e após a implantação da Estrutura TEACCH na sala de aula ele passou a permanecer o tempo estipulado, das 7 horas às 9 horas, a ampliação da sua comunicação, ou seja, a diminuição da ecolalia⁴, o conhecimento da comunidade escolar aumentou significativamente, a diminuição da agressividade do aluno autista, com ele e com as outras pessoas se extinguiu. Suas habilidades acadêmicas ampliaram, como exemplo: a leitura de sílabas simples, aumento da sua consciência fonológica e conhecimento dos números

⁴ **Ecolalia** - Pessoas que sejam acometidas com Autismo, síndrome de Tourette e outras formas de deficiências psicopatológicas podem estar com **Ecolalia**. Esse tipo de patologia é apresentada quando um indivíduo repete várias vezes a última palavra ou sílaba escutada. Em alguns momentos a pessoa tenta falar as palavras mas não consegue. Disponível em: <http://www.centraldafonoaudiologia.com.br/dicas-de-saude/o-que-e-ecolalia>. Acesso em: 15/10/2015.

até o 100. Sua coordenação motora grossa e fina melhorou e suas habilidades de socialização estão mais efetivas. Portanto, a realização deste projeto foi importante para toda a comunidade escolar que perceberam visualmente as melhoras do aluno com autismo no contexto escolar.



Gráfico 1 – Permanência na sala de aula de Ensino Regular



Gráfico 2- Ampliação da comunicação (Diminuição da Ecolalia)



Gráfico 3 – Conhecimento da comunidade escolar sobre o autismo

Durante a realização deste projeto, percebemos o quanto é importante buscarmos novas formas de ensinar e acima de tudo acreditarmos na capacidade de cada aluno de aprender, olhando sempre as suas habilidades como ponto principal para a realização de qualquer atividade pedagógica, procurando sempre estimulá-lo e motivá-lo na realização das atividades propostas.

Sobre a proposta de implantação do projeto na escola, tivemos total apoio, mesmo sendo algo novo para a maioria dos docentes, todos apoiaram e acreditaram no trabalho, e para isso tivemos que

buscar parcerias e ajuda profissional para aprender mais sobre esse método de ensino.

Através da realização desse projeto foi possível perceber a alegria e gratidão da família do aluno autista em relação ao seu desenvolvendo no contexto escolar, e o quanto ele havia melhorado em casa também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não pergunte que doença a pessoa tem, mas antes que pessoa a doença tem.”
(William Osler)

Com este trabalho pretende-se concluir, que se tratando de educação para autistas, deve se ter em mente que isto não se refere somente a aprendizado acadêmico e sim a um aprendizado mais global, que deve incluir habilidade social, linguagem, comunicação, comportamentos adaptativos e redução de comportamentos inadequados. Este processo de educação em pessoas autistas deve envolver as famílias, professores, profissionais extraescolares envolvidos no caso, além dos próprios autistas.

No presente trabalho, foram fornecidos dados para que o educador consiga criar no dia-a-dia melhores estratégias de inclusão do aluno autista na escola regular. Neste contexto, as estratégias educacionais se tornam fundamentais para o crescimento do aluno autista e para o bem estar de

toda a família envolvida. Portanto, este trabalho será concluído com a relevância de que é preciso estar sempre atentos para entender as peculiaridades de cada aluno para melhor incluir. Assim cada um receberá a intervenção que necessita e a educação estará fazendo o seu melhor papel.

Nesse sentido, é possível dizer que tão importante quanto adquirir habilidades novas é manter e aprimorar as já existentes.

Acredita-se que este estudo pode contribuir aos programas de intervenção nas escolas, uma vez que esboça um aspecto de atenção relevante, a questão da interação social das crianças autistas e o espaço que esta área está ocupando no planejamento educacional destas crianças.

Novas investigações se fazem necessárias quanto a este programa de ensino e sua eficácia na educação de crianças autistas no Brasil, pois, umas das maiores limitações da pesquisa, foram a escassez de bibliografia sobre esse modelo educacional e principalmente sobre a aplicação deste método na rede regular de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV TR**. Tradução de Cláudia Dornelles. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AMORIM, Maria Lúcia Gomes de; BATISTELLI; Fátima Maria Vieira, **Atendimento psicanalítico do autismo**. 1ª edição. São Paulo. Zagodoni, 2014.

ARANHA, M.S.L.F. (1993). **A interação social e o desenvolvimento humano**. *Temas em Psicologia*, 3,19-28.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1993.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9 394, de 20 de dezembro de 1996**.

SILVEIRA BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração /segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

DORNELLES, C. - *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 4ª ed. rev. (DSM-IV-TR)*. Artes Médicas, São Paulo, 2002.

_____. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: CORDE, 1997. 2ª ed.

_____. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2001.

CAMARGOS, Walter e colaboradores. **Síndrome de Asperger e outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento**. 1º edição. Arte Sã, 2013.

FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana de Cássia. **Vejo e Aprendo: Fundamentos do Programa TEACCH. O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo**. 1º edição. Book Toy, 2014.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo**. 1ª edição. ZAHAR, 2014.

LOVAAS OI. Teaching individuals with developmental delays: basic intervention techniques. Austin, TX: Pro-Ed; 2003.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. Autismo: guia prático. Brasília: CORDE, 2000.

MESIBOV, G.B. Formal and informal measures on the effectiveness of the TEACCH programme. Autism (1997).

MONTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Gavioli Rosângela. Inclusão Escolar: Pontos e contrapontos. 1ª edição. Summus, 2006.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Autismo infantil. Brasília: CORDE, 1994.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; REVELES, Leandro Thadeu; GAIATO, Mayra Bonifácio. Mundo Singular – Entenda o Autismo. 1º edição. Fontanar, 2012.

TULIMOSCHI, M.E.G.F. “Desenvolvendo interações entre crianças autistas e suas mães e/ou cuidadoras a partir de treinamento domiciliar no programa TEACCH” (2001).



Editora Prospectiva